



O MITO DE SÍSIFO DE ALBERT CAMUS COMO DESAFIO ATUAL PARA O ENSINAR A FILOSOFAR

Marcelo Martins Barreira

Universidade Federal do Espírito Santo

A comunicação preconizará uma potencialidade pedagógica do pensamento de Camus (1989), em sua abordagem da temática do absurdo. Para “costurar” esse pensamento com o ensino e a aprendizagem da Filosofia, teremos como base seu relevante ensaio O mito de Sísifo. Esse escrito originou-se do incômodo do autor franco-argelino pela derrocada da conquista civilizatória liberal-democrática com as atrocidades nazifascistas, na Segunda Guerra Mundial. Essa situação-problema provocou-o ainda jovem, com 29 anos, a produzir a obra no ano de 1941, embora sua publicação ocorresse no ano seguinte. O mito de Sísifo configurou-se numa paradigmática filosofia da não significação do mundo, pois, nessa obra, Camus retoma a narrativa homérica sobre Sísifo, para abordá-la de modo inovador como a primeira elaboração filosófica sobre o tema da absurdidade, com incidência existencial.

O início do livro de Camus desconcerta o leitor. O autor franco-argelino concentra ousadamente a tradição filosófica ao proclamar, na primeira página, sua talvez mais famosa frase: “Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia”. (CAMUS, 1989, p.07). A chave de leitura dessa impactante frase será, por sua vez, a última afirmação desta obra: “É preciso imaginar Sísifo feliz” (CAMUS, 1989, p.76), cujos termos se articulam numa unidade significativa ao desafio colocado no início do livro: se a vida tem ou não sentido.

Jogando-se com a sonoridade das palavras, “O mito de Sísifo” é o “mito de-cisivo”. (CAMUS, 1989, p.87, n. xxxi). Esse caráter decisivo se instaura graças ao componente existencial do absurdo do mundo, em semelhança com o relato do mito grego que exponho a seguir. Nesse relato, a condenação de Sísifo é uma “maldição”. A maldição evoca o caráter trágico da ação punitiva dos deuses; ação suportada por Sísifo. Na leitura filosófica



proporcionada pela original interpretação do mito grego, em O mito de Sísifo, contudo, o absurdo não consiste numa punição. (CAMUS, 1989, p.48). Desse modo, seria pertinente uma interpretação desse mito como oportunidade para o ensino e a aprendizagem de Filosofia e não como mera punição. Com a rolagem contínua e repetitiva do rochedo, sendo uma metáfora de nossa existência absurda, o ato de rolar o rochedo ensinaria paradoxalmente um aproveitamento pedagógico de uma potencialização do sentimento de absurdidade experienciado pelo “homem absurdo” (CAMUS, 1989, p.28-29) – expressão estendida analogicamente aqui ao “estudante absurdo”.

Não acreditar no futuro e não ter esperança se encaixa na metáfora camusiana da eterna rolagem de “Sísifo”, em que estudantes e operários anônimos e massificados vivem uma condição extenuante e sem sentido, sem esperança de mudança. Apesar dessa condição, nunca é válido optar por qualquer tipo de suicídio, mesmo com o grau atual de sofisticação e produção de muros absurdos. A condição absurda seria, então, “a” condição humana. Não convém exigir nem otimismo nem pessimismo de nossos estudantes. Não se deve forçá-los a darem sentido a um contexto constitutivamente caótico, embora não lhes condiga conformarem-se existencialmente com a injustiça social. As amarras político-institucionais não os impedem de existir, tanto quanto qualquer outra pessoa. Incumbe ao professor de Filosofia, em tal contexto desafiador, contribuir na autoanálise de cada estudante, em sua experiência singular e comum, com os demais colegas visando uma valorização dessa experiência e de uma ação ética de solidariedade. A mais importante aprendizagem, após a leitura de O mito de Sísifo, é a capacidade de sermos felizes apesar do absurdo, sem fatalismo ou apatia. Desde a universalidade da realidade absurda da existência, “é preciso imaginar Sísifo feliz”, inclusive ante a redução de um humano a uma máquina ou a um animal, como os nazistas fizeram com os judeus.

Tratar do absurdo no ensino e a aprendizagem de Filosofia não é esvaziá-lo numa elaboração teórica que aponte para um mundo utópico e inexistente. Esse desenho idealista de sociedade não é a proposta camusiana. Sua proposta também não pretende apelar para um sacrifício do intelecto alheio à nossa humana absurdidade. Encontra-se um exercício do



filosofar sem respostas fáceis e prontas a um acontecimento, por definição, inédito e, ademais, insuperável. Também não é o caso de se ser otimista ou pessimista, a questão central é (con)viver com um presente marcado pelo absurdo. A narração do mito de Sísifo não indica um contínuo vai e vem entre a repetição nostálgica do passado à espera de um futuro que nunca chega, mas indica algo ainda mais promissor: a importância de se enxergar o presente por si, independentemente de nossas memórias e esperanças. Logo, a única possibilidade de se sustentar a vida para o estudante absurdo é a vivência do presente.

Para Camus, o esgotamento, não o cansaço, traz efetivamente o novo. O descanso se dialetiza com o trabalho; seria como o descanso do operário quando chega cansado em casa. Tal descanso, por conseguinte, é apenas uma pausa ao trabalho, reforçando-o. Inverso ao cansaço é o esgotamento. O esgotamento impede o trabalho – como metáfora de exploração de possibilidades –, não obstante tal exaustão oportunize, paradoxalmente, uma transformação da existência: “O homem absurdo só pode esgotar tudo, e se esgotar”. (CAMUS, 1989, p.37).

Nasce desse esgotamento de qualquer saída uma escolha da vida a ser vivida, ainda que em face da própria execução, quando mais claramente se reconhece residualmente o precioso da vida, após a perda do precioso de tudo. (CAMUS, 2008, p.123). O sentimento de absurdidade é condição da liberdade na apropriação camusiana da figura mítica de Sísifo. O fato de não haver uma significação prévia de “liberdade” – pois não existe “liberdade em si” (CAMUS, 1989, p.37) – potencializa o quadro de Sísifo. O estudante absurdo justapõe liberdade e absurdo como imperativo para a sua existência. A cada instante há escolhas em nosso estado de absurdidade; daí o paradoxo de uma liberdade limitada circunstancialmente e, ainda assim, factível, inclusive ao se facejar muros intransponíveis.

Por isso, nosso autor afirma o desespero do existente como exercício paradoxal da liberdade mais eficiente do que o salto kierkegaardiano da fé: “O importante, dizia o abade Galiani à Sra. D’Épinay, não é curar, mas viver com os seus males”. (CAMUS, 1989, p.28). Eis a principal diferença entre Camus e o pensamento de Kierkegaard, conforme o ponto de vista parcial do primeiro, pois sabemos que o autor franco-argelino não contextualizou



suficientemente a complexidade da filosofia de Kierkegaard. Seja como for, não viver e pensar com os males e as dilacerações é um desafio didático-pedagógico com a estéril e crescente tentativa de se responder com respostas canônicas e religiosas, frequentemente fundamentalistas, à ausência de um sentido preciso de “mundo”. A irracionalidade de cunho religioso se revela um relevante desafio para o ensino e a aprendizagem de Filosofia no ambiente escolar público, onde com frequência a ameaça do obscurantismo acompanha o tensionamento de grupos contrários à laicidade do Estado Democrático de Direito, em sua embriaguez irracional pelo divino e em sua vocação ao êxtase.

Contra o fundamentalismo religioso, o texto de Camus revela a nossos estudantes absurdos que, em contraposição à liberdade impossível trazida por Deus, há a liberdade humana e sem Deus, do âmbito do possível – o que não se traduz em proclamar a sua inexistência. O ponto essencial da argumentação não é o ateísmo, mas a salutar conjugação entre cristianismo e absurdidade ao não se crer na vida futura, em sintonia com a seguinte enunciação feita por Dostoiévski em *Os Possessos*: “Se Stravóguin crê, não crê que crê. Se ele não crê, não crê que crê.”. (Apud CAMUS, 1989, p.44). A ambiguidade da crença lhe permite uma crítica cirúrgica: o problema é um tipo kierkegaardiano de cristianismo em sua ilusória esperança e paz numa vida eterna e celestial, como reação irracional ao absurdo do mundo. A irracionalidade do salto da fé não consiste no melhor modo de se resistir ao desespero diante do nada e do absurdo trazido pela racionalidade.

Daí a ressalva camusiana da frase de Nietzsche: “O que importa não é a vida eterna, é a eterna vivacidade.” (CAMUS, 1989, p.53). É melhor a eterna vivacidade da paixão conjugada com a liberdade do que a certeza de uma vida futura e eterna. A existência humana se fortalece e se vivifica ao se percorrer a estrada do absurdo e do desespero. O gesto corajoso não é o salto da fé, mas assumir o absurdo como algo constitutivo e ontológico de nossa existência. De modo ontológico a vida se vincula ao desespero. O pior mal é não ter sofrido desespero. Aceitar o absurdo, sem resignação, liberta-nos. (CAMUS, 1989, p.36). Um eu livre surge através do desespero que nos tira da “gangorra” de vitórias ou derrotas: “Ciente de que não



há causas vitoriosas, tomo gosto pelas causas perdidas: elas requerem uma alma inteira, igual à sua derrota, como as suas vitórias”. (CAMUS, 1989, p.55)

Ao inverso de uma atitude melancólica ou de uma fixação nostálgica em épocas passadas, a existência então se abre imaginativamente e acolhe criativamente o absurdo do evento inesperado. Viver o absurdo potencializa e transforma a vida em sua abertura ao acontecer inesperado. O grande acontecimento, para Camus, foi a ocupação alemã na França, quando tudo foi concedido e tudo foi perdido. Perdeu-se um sentido de “povo”, mas outro surgirá; para tanto, nunca se deve resignar-se, mas revoltar-se.

Não há, portanto, fatalismo, mas a vivência apaixonada do presente na construção provisória de um valor coletivo, o que exige imaginação. A imaginação, contrariamente ao salto da fé, tensiona os limites do mundo e favorece o exercício da rebeldia. Assim, o maior desafio, num campo de concentração por exemplo, não é a tentativa fantasiosa de aceitar esse absurdo como se fosse uma realidade já dada; como não é também suicidar-se. A imaginação, como o ilimitado do pensamento, transporta-nos à vida; bem diferente do pouco pensamento, que nos afasta da vida quando a vida se defronta com “muros absurdos”, apelando então para outra vida. Por isso, declara na sequência nosso autor: “um pouco de pensamento afasta da vida, mas muito leva de volta a ela”. (CAMUS, 1989, p. 63). Ademais, o mundo não se estreita pela racionalidade cartesiana, cujo modelo de racionalidade não dá conta do indecifrável, limitado e trágico universo.

Repitamos: é preciso imaginar o estudante absurdo feliz. Transfigurar imaginativamente o absurdo da opressão numa potencialidade existencial sintoniza, ainda, com a poesia de mais um aprendiz dos povos da floresta, Mello (1987, p.214): “Não, não tenho caminho novo./ O que tenho de novo/ é o jeito de caminhar.” Este poema traz paradoxos em sintonia, a nosso ver, com a análise e discussão de Camus em O mito de Sísifo e desdobramentos para o ensino e a aprendizagem de Filosofia. Não somos máquinas e, por isso, há escolhas no caminho existencial, ainda que seja por um novo modo de caminhar, quando não vamos aonde gostaríamos de ir. Com imaginação é preciso Sísifo assumir livremente sua vida por entre a opressão dos “muros absurdos”. (CAMUS, 1989, p.11). É



preciso imaginar como possível o estudante ser feliz, apesar da debilidade de sua existência. O muro de uma escola não impede o exercício da imaginação e até contribui com ela. Nesses muros de opressão e silenciamento, é expressão democrática fazê-los falarem, contando diversificadas narrativas, convertendo-as em afirmação de vidas alternativas.

O destino pertence a Sísifo e, por analogia, ao estudante absurdo. Os estudantes absurdos não de construir imaginativamente novas narrativas desde os próprios referenciais culturais, como a infiltração de vida num muro de cimento, tijolos e preconceitos. Muros que se convertem em criativas motivações e possibilidades existenciais. Para tanto, é preciso imaginação ao estudante absurdo. Eis a contribuição da Filosofia de Camus para nossos estudantes absurdos.